



## ENFERMEIROS E EDUCADORES: UM DESAFIO

\**Andréia Bendine Gastaldi*  
\**Alda Ap. Mastelaro Hayashi*

### RESUMO

Esta é uma reflexão sobre o papel de educador a ser desenvolvido pelos enfermeiros, como uma necessidade social que se impõe no momento histórico que vivemos. Reforça a adoção de novos paradigmas na formação dos enfermeiros para que não se valorize tanto o aspecto técnico, mas, sim, o do cuidado no sentido mais amplo, como forma de *relacionamento com o outro ser e com o mundo*.

**PALAVRAS-CHAVE:** **Enfermagem; Educação; Cuidado; Educação em Saúde.**

### ABSTRACT

This is a reflection upon the role of the educator to be developed by nurses as a social need, imposed on us at the historical moment in which we live. It reinforces the use of new paradigms on the formation of nurses so that they do not value so much the technical aspect but mostly the care in its wide sense as a form of *relationship with the other being and with the world*.

**KEY-WORDS:** **Nursing; Education; Care; Education in Health.**

### INTRODUÇÃO

Diversas definições de Enfermagem a situam como “a ciência e a arte do cuidado”. Sem nos atermos à polêmica do aspecto ciência e arte, podemos neste momento refletir um pouco mais sobre a dimensão do termo cuidado.

É importante que se tenha claro o âmbito desta questão, pois dela emerge algo crucial para a profissão: o papel do enfermeiro na sociedade atual.

---

\* Docente do Curso de Enfermagem do Centro Universitário Filadélfia - UniFil.

Enfermeira.

Mestre em Assistência de Enfermagem pela UFSC/UFPR.

E-mail: [gastaldi@sercomtel.com.br](mailto:gastaldi@sercomtel.com.br)

E-mail: [alda@dilk.com.br](mailto:alda@dilk.com.br)

Se acreditamos que todo homem precisa de cuidados, necessariamente todo homem precisa da enfermagem, em algum momento da sua vida, seja para nascer, ou para morrer. O cuidado é visto aqui não somente como uma atividade ou tarefa curativa, de conforto ou de tratar feridas, mas em uma dimensão maior.

Para WALDOW (1998, p.17), *o cuidado é uma forma de expressão, de relacionamento com o outro ser e com o mundo, enfim uma forma de viver plenamente.*

Ao nos reportarmos a um tempo específico da história da profissão, quando, através de Florence, iniciou-se a Enfermagem Moderna, podemos perceber que associada à aquisição de conhecimento, a profissão teve que lutar muito para conseguir algum status, em decorrência da própria História, que lhe impôs um papel secundário, de ajudante ou paramédico.

A própria evolução histórica da profissão, no entanto, nos mostra um caminho de conquistas. A Enfermagem pode ser considerada uma “profissão de futuro”, por sua versatilidade. O enfermeiro atua hoje em diversos segmentos da sociedade, não se restringindo apenas ao seu “todo-poderoso front”: o hospital.

Dentre os diversos papéis desempenhados pelo enfermeiro, um deles adquire total relevância nos tempos atuais: o papel de educador. Educador no sentido de formação de novos profissionais, mas principalmente educador do próprio paciente/cliente.

Segundo IBAÑEZ (1997), vivemos atualmente sob um modelo histórico de morbi-mortalidade, onde persistem os padrões relacionados a doenças infecto-contagiosas, elevam-se as chamadas doenças crônico-degenerativas, além do crescimento das causas externas, como homicídios, acidentes, etc..

Concluímos então, que o homem não sabe mais como se cuidar. Usufriui de todos os benefícios da vida moderna, como a tecnologia, os meios de comunicação, a informática, as descobertas científicas, mas perdeu o controle sobre o seu próprio corpo e saúde.

Conforme CHOR *et al.* (1995, p.59), as doenças do aparelho circulatório não representam, como já se acreditou, “doenças degenerativas”, conseqüências “inevitáveis” da vida moderna e do envelhecimento da população, assim como “não são próprias de pessoas mais ricas e de países desenvolvidos”.

A globalização não é só da economia, mas também do processo saúde-doença. Valoriza-se tanto o aspecto mercado, que a saúde virou um bem de consumo, onde “quem paga mais, leva”. O acesso aos serviços de saúde em países em desenvolvimento, como o Brasil, é a cada dia mais difícil, e a proposta de universalidade e equidade do SUS acaba tornando-se uma realidade de exclusão.

Diante destes dados, impõe-se um desafio de transformação social que dá

à Enfermagem um papel não mais curativo, mas de promotor da saúde, para o qual a educação é a mola-mestra.

O papel educativo do enfermeiro constitui um importante instrumento, sem o qual corre-se o risco de se restringir a assistência a uma manutenção do estado vigente do indivíduo, ou seja, recuperam-se os desequilíbrios, que novamente se manifestarão, pela falta de informação quanto ao como se cuidar. É necessária a conscientização sobre o que realmente significa saúde, para se buscá-la ou se mantê-la.

Essa conscientização é definida por FREIRE (1995, p.112) como ... *o aprofundamento da tomada de consciência, pois, a simples tomada de consciência, sem a reflexão crítica, fica no nível do senso comum*. Exemplificando: “todos” sabem que o cigarro faz mal à saúde, e nem por isso “todos” deixam de fumar. Falta, além da tomada de consciência de que o cigarro faz mal, a reflexão crítica sobre “o que realmente o cigarro faz com a minha saúde em particular.”

É neste sentido que o enfermeiro pode e deve atuar junto ao cliente, seja no hospital, na unidade básica de saúde, na formação de grupos de convivência, ou em qualquer tempo e lugar em que se faça necessário. Jamais poderemos conceber cuidado sem este aspecto educador.

Enquanto professores, formadores de novos profissionais, nosso papel de educador deve transpor o título, já que necessariamente nem todo professor é um educador. Se temos a intenção de formar profissionais críticos, engajados no processo de transformação social, e não simples reprodutores do modelo, faz-se necessário muito mais do que simplesmente transmitir conhecimento.

Para DELORS (1998, p.90), a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, será de algum modo, para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: *aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser*.

Tradicionalmente, o ensino da enfermagem tem se constituído de um *aprender a fazer*. Busca-se satisfazer as necessidades de mercado, formando profissionais cada vez mais executores que pensadores.

Se pensarmos no aumento da incidência das doenças de um modo geral, formam-se cada vez mais enfermeiros “curativos”. Há ainda a necessidade de mais e mais especializações para acompanhar o avanço tecnológico na área da saúde.

Não temos mais, então, o enfermeiro generalista, o que vê o homem como um ser holístico, bio-psico-sócio-espiritual, mesmo que isso ainda seja constantemente “pregado” nas nossas escolas. O papel do educador é, nesse caso, fundamental.

Segundo FREIRE (1995), se ensinar e aprender fazem parte de um mes-

mo processo de conhecer, no momento em que você ensina, você deve testemunhar aos estudantes como você estuda, como você se aproxima do objeto de seu conhecimento, o que significa para você a busca do conhecimento.

Se estamos formando profissionais executores, é porque estamos reproduzindo algo vivido por nós. Estamos apenas ensinando *aprender a fazer* e não *aprender a conhecer, aprender a viver juntos e aprender a ser*.

Aprender a conhecer, aprender a viver juntos e aprender a ser implicam estar envolvido com as questões sociais, das quais fazem parte as questões da saúde, ser crítico, reflexivo, viver em sociedade, fazer parte dela e ajudar a transformá-la.

Mas nem tudo está perdido! Alguns esforços têm se concentrado na mudança dos paradigmas vigentes. Muitas escolas têm procurado mudar essa visão de formação tecnicista. A experiência dos currículos integrados já está sendo aplicada e pode ser o começo de uma nova etapa no ensino da Enfermagem. Além disso, muitos esforços individuais devem ser considerados. Existem professores realmente preocupados com a formação dos novos profissionais e, desta forma, engajados nesse processo de mudança; porém, esforços coletivos serão sempre mais produtivos.

A construção de um projeto político-pedagógico para cada escola, baseado na realidade em que ela se insere, é de fundamental importância para que se formem profissionais comprometidos com a realidade social em que vivem.

Estes enfermeiros serão, então, realmente “gente que cuida de gente”. Cuida, no sentido mais amplo da palavra, ou seja, na sua relação com o outro ser e com o mundo!

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHOR, Dora *et al.* Doenças cardiovasculares: panorama da mortalidade no Brasil. In: MINAYO, Maria C. S. (Org.). **Os muitos brasis - saúde e população na década de 80.** São Paulo: Hucitec, 1995. p. 57-86.
- DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir.** São Paulo: Cortez, 1998, cap. 4, p.89-102.
- FREIRE, Paulo. **A educação na cidade.** São Paulo: Cortez, 1995.
- IBAÑEZ, Nelson. Globalização e saúde. In: DOWBOR, L. *et al.* **Desafios da globalização.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1997.
- WALDOW, Vera R. **Cuidado humano: o resgate necessário.** Porto Alegre: Sagra-Luzzato, 1998.